

Marta Jangrinha

(Menção Honrosa Categoria B Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Marta Jangrinha, "Amarelo Alasca=10", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

Cem metros bastaram para chegar lá. Exactamente onde lhe tinham dito – do segundo portão à direita. Olhou para trás, antes de entrar a medo e ainda com esperanças de ver o homem sombrio que lhe tinha indicado o caminho. Já não estava lá. Também não precisava que ninguém esperasse por ele. Nunca precisou. Empurrou o portão de ferro gasto, de vermelho lascado, e esperou que terminasse o ranger para finalmente o transpor. Nada. Tinham-lhe dito que aqui havia uma data deles. Escondidos. Nada, nem tecto sequer. Uns bocados de parede persistiam ainda, equilibrados como podiam seguindo a velha ideia de pedra sobre pedra. Havia umas ervas secas no chão mas nada indicava que o sítio era aquele. Tinha sido levado. Enganado mas de uma forma estranha. Desde há muito compreendera que não lhe era útil, de maneira alguma, pagar a estranhos por informações. Era da forma que o enganavam com mais gosto. Este, no entanto, nem tinha falado nisso. Tinha-o visto no café mais velho e mais central da aldeia e como não é difícil detectar estrangeiros dirigiu-se a ele. Também não é de cá – começou por dizer. E em menos de pouca coisa, que é como quem diz, dois copos de traçado, já estavam lançados na conversa. Se do álcool, se do calor, não soube, mas nunca tinha estado tão à vontade a falar deles com mais ninguém. Ao terceiro copo em conjunto, o estrangeiro da aldeia levantou-se e disse – «venha que eu levo-o lá». Não queria acreditar e agora, parvo, a olhar para ervas secas, achou que teria sido melhor não ter acreditado. Além do mais, aquela despedida assustada – «não vou consigo mais longe. É já daqui a cem metros, vai bem sozinho. Tenho que ir para casa que me esperam lá.» – e sem mais, começou a andar em sentido contrário, lenta e magoadamente. Olhou ainda várias vezes para trás, como que a confirmar que ele ía. Ele foi, parvo. Pensou no gozo que não deviam estar a ter às custas dele no café mais velho da aldeia. Deviam estar todos mais que habituados a brincar com a curiosidade dos turistas desde que a história se começou a espalhar pelo país. Ele não tinha sido o primeiro a lá chegar e, provavelmente, não teria sido o único a ser gozado. Esse pensamento tranquilizou-o um pouco. Passeou-se pelo terreno da casa, daqueles restos de casa, passeando também estas ideias. A fazer compasso de espera até arranjar uma boa desculpa, com que voltar ao café sem parecer tão desnordeado. Riu-se. Riu-se alto da sua própria estupidez. E, nessa altura, mais um pouco da parede ruiu. A pedra que saltou pareceu-lhe brilhar à luz daquele sol de fim de tarde. Baixou-se para lhe pegar. Ao segurar, na palma aberta, o pequeno pedaço de xisto percebeu que era impossível aquela coisa terrosa e cinza ter brilhado. Nessa altura, voltou-se ansioso para a entrada, porque não percebia agora outras coisas, por exemplo, como que raio é que paredes de xisto rude podem ter uma fachada imaculada, pálida e lisa. A resposta estava na ponta da sua língua e a sua língua estava completamente à mostra, naquela boca escancarada de pasmo. A resposta é que não pode. E não tinha. À sua frente nada de portão vermelho ferrugem, debaixo dos pés nada de ervas secas e nada de fachada desfeita sem tecto. Bonito serviço. Não só o gozaram no indicar do caminho como ainda lhe meteram qualquer coisa naquele vinho manhoso traçado. De certeza. Não era possível ser outra coisa, que uma pessoa não fica louca de um momento para outro. Ou fica? Ou já estava assim há mais tempo e só agora tinha reparado? Fechou os olhos e esfregou a cara. Não é possível. Baixou-se, e de cócoras meteu a mão na água fria que corria no riacho vindo dos lados do portão. Mas se já nem havia portão nenhum! Riacho? Resolveu, nesse ponto, assumir tudo como natural e contestar depois, quando conseguisse sair dali. Há um riacho que corre aos meus pés, há pedaços de xisto que formam os restos de uma parede que já não existe. Há um espaço aberto à minha volta onde a relva cresce alta. Não há ervas secas, nem casa, nem portão, nem aldeia. Estou aqui. E, se vim à procura deles, devo estar preparado para assumir que podem existir, apesar de não ser essa a minha intuição. Vim para os desacreditar, mas permito agora que me aconteça o contrário. Vim para negar a hipótese de poderem viver aqui e de serem como os descrevem. Olhou em volta e não viu nada, além dos montes de verde alto. Não sabia se tinha coragem de transpor aquilo, que achava que eram os limites da casa em que entrara ainda não havia uma hora. Ou já tinha passado mais tempo? O relógio de pulso estava parado. Cinco e quarenta da tarde. Mas não podia ser mais tarde, porque o verde dos montes continuava claro e o céu estendia-se azul luminoso abrindo todo o espaço à sua volta. Ao olhar na direcção do Sol viu o que lhe pareceu então um monte, como todos os outros, mas branco.

Apesar do receio de se afastar do lugar onde devia estar a porta, ele achou que o melhor seria agir

como se ali não estivesse, como se ainda achasse que não estava a ficar louco. E foi com esta cara, pesada de preocupação sobre a sua loucura, que meteu pés a caminho até que, um pouco longe e disfarçada pela luz branca e directa do Sol, vislumbrou o que pareciam ser um emaranhado de muros brancos e baixos. Ao aproximar-se, ia compreendendo as formas daquela cidade de luz e, até, vendo algumas sombras que se desenhavam entre as frechas, que se abriam a separar casas. Cada casa, viu ele, tinha quantos muros queria, umas normais, com quatro, outras com mais e algumas até ímpares, com sete ou nove muros de parede. Todas elas pareciam acertar os seus lados com os das casas mais próximas e, apesar do sol e da luz, esta proximidade entre as casas criava ruas, estreitas de sombras frescas. Ao entrar pelas ruas foi encontrando pessoas, muito iguais a ele, vestidas de forma simples, extraordinariamente colorida, mas normal e todas diferentes. As roupas das pessoas davam festa à paisagem branca e o contraste agradou-lhe muito. Não se notavam grandes diferenças nos modos de vestir, que indicassem alguma espécie de distanciação económica. E ele estranhou isto, porque não conseguia, com base no aspecto, decidir com quem havia de falar. As pessoas, por quem ele foi passando, pareciam estar todas muito divertidas, envolvidas em conversas bem engraçadas sem por isso deixarem de lhe sorrir quando ele passava. Ele retribuía o sorriso, mas mantinha aquela cara de temor preocupado, de quem não está a compreender nada. E achou, que era também por isso, que os habitantes riam tanto, estavam divertidos com o pânico do estrangeiro. Intimidou-se ao pensar nesta hipótese.

Foi passando pelas ruas e lembrando as casas de aldeias algarvias, o plano arquitectónico era mesmo muito semelhante e assim, com este conhecimento de proximidade em mente, sentiu-se menos alienado. Parcos passos à frente, encontrou ruas cheias de lojas, onde se vendiam as roupas que já tinha visto vestidas e alguns acessórios coloridos também. Viu cafés e esplanadas e venda de música e livros, viu espalhadas pelos labirintos de casas baixas uma imensidão de portas largas que se viravam para a rua, a oferecer tudo o que podia pensar. Viu grandes tapetes estendidos no chão das ruas mais largas e jovens cheios de cabelos que, sentados e deitados em cima deles, gritavam piadas aos que paravam para os ouvir. E ouvia música de trompete e violino e ouvia riso. Muitos risos e todos diferentes e genuínos. Risos e gargalhadas, em sons que pareciam vir do chão das ruas, atravessar as sombras e erguer-se em som de coisa boa até ao céu do sol. Nesta altura, já não se preocupou mais com a possibilidade de estar a enlouquecer. Ele sabia bem que o riso pode ser uma arma do terror que se aproxima de nós, como quem ameaça a loucura. Mas acreditou que não era esse riso malvado de vilão de filme que o envolvia. Acreditou e viu que era o riso despreocupado e alegre dos habitantes da cidade. Riu também. Com o à vontade que o local lhe inspirava agora. Entrou num café, passando a grande arcada que o dividia da rua. O espaço abria-se em losango onde um dos lados, inteiro, tinha sido derrubado para construir a arcada. Como se tivessem escavado o abaular de um losango de ar dentro de um losango de muro. Lá dentro, o espaço caído e amplo, cheio de mesas de verga, com cheiro de Verão, pouco altas e bancos que combinavam. Um balcão à sua frente, onde um homem de meia-idade lhe sorriu enquanto secava uns copos muito simples, com um pano branco muito simples. Passou os olhos pelos outros clientes e viu que bebiam cafés gelados e cervejas, ou semelhante. E que todos, mas todos, se riam divertidos, ora em conversas privadas, ora olhando para os transeuntes na rua. Um homem, sentado no canto direito bem junto à grande arcada, olhava para a rua e sorria em frente ao seu simples copo de cerveja. Julgou reconhecê-lo e, enquanto pedia o seu café gelado ao balcão, foi olhando para o tipo. De alto a baixo. As roupas eram do local e os cabelos, compridos e atados atrás com um nó, mostravam que estava a agir com o mesmo espírito simples dos outros habitantes. Mas algo na sua fisionomia indicava que não era um deles. Era um estrangeiro, como ele. O segundo estrangeiro do dia, num novo café. Depois de agradecer, com um sorriso, ao senhor do balcão e ser retribuído, dirigiu-se à mesa do estrangeiro e perguntou se se podia sentar. O outro elevou os olhos até aos dele, e, satisfeito, disse que sim.

– Peço desculpa por me intrometer, mas pareceu-me reconhece-lo de algum lado.

O homem riu:

– É bem provável. Aposto que, depois de eu ter vindo, eles se fartaram de fabricar mais lendas e de meter a minha foto no jornal. – Exclamou com um sorriso.

Aquele sorriso, e a ideia de uma foto no jornal, avivaram-lhe a memória. Sim. Tinha-o reconhecido de uma foto do jornal local da aldeia que deixou para trás. Ainda na tarde desse dia, tinha estado com esse jornal na mão e reconheceu, naquele outro pesquisador de mundos desaparecido, a sua própria história. O homem do jornal, como ele próprio, perseguia a mesma coisa, a mesma lenda que ele agora compreendia. Tinha chegado lá! Tinha-se proposto encontrar o sítio exacto da sociedade estranha e distante que as lendas da aldeia tinham proclamado existir. Tinha chegado à origem daquilo que tinha querido provar ser lenda ou boato, criado apenas para promoção turística por alguma agência de viagens. Mas afinal, a existência de tal sítio, explicava o facto de ele ter visto uma casa em ruínas desaparecer à sua frente e explicava os terrenos verdes que se abriram, então, ao seu redor e ainda a

cidade branca de luz, onde ele ousou entrar e onde se encontrava agora. Mas, as semelhanças com o mundo que conhecia era muitas, não podia tratar-se de uma forma perfeita de viver. Era tudo muito igual e, nesta cidade, como no mundo fora daqui, esse igual era feito de injustiças, violências e cinzentos de más ações. Porém, este era um igual muito à pele das coisas. O ambiente deste igual trazia em si um ar que se respirava de fresco e de energia. E era contagiante. Mesmo agora, olhando à sua volta, percebia que não havia ali ninguém enterrado na bebida para consolo, ou debruçado sobre a mesa com ombros rebaixados ao peso de contas para pagar ou arreliações caseiras. Não havia, naquele bar, ninguém que não parecesse não estar a viver o melhor dia da sua vida. E ele mesmo, estava delirante. Apesar da confusão que sofria, pelo longo emaranhado de informações que ia cruzando em *puzzle* de ideias e factos. Sentia todos os músculos descomprimidos e a pele do rosto elástica, solta num sorriso que se formava também nos olhos, sem qualquer esforço. O seu anfitrião pareceu compreender o que lhe ia na mente:

– Foi exactamente assim que me senti. Neste lugar não há problemas. Quer dizer, haver há, mas eles descobriram o maior segredo do mundo: o da felicidade. E é tão simples. A questão não se sublinha na existência de problemas, sublinha-se na maneira como se lida com eles.

– Sim. Estou a sentir isso, mas é informação de mais para mim. Como é que uma cidade inteira consegue estar bem disposta? Como é que tanta gente está feliz ao mesmo tempo? Não pode ser só por saber lidar com os problemas! Que tipo de problemas são esses com os quais se lida tão bem? Não são grandes ou importantes? Ou toda esta gente é tão egoísta que não se preocupa por não sentir?

– Os problemas daqui são exactamente os mesmos que os de lá fora. Se bem que já começaram a cair em declínio e são cada vez menos. A primeira coisa que deves apreender é que Nada continua a ser urgente daqui a três meses.

Ele parou, para digerir a frase, e achou que estava muito longe de servir de resposta a todas as perguntas que tinha feito e a todas as que ainda vinham invadir-lhe a mente. O outro pareceu ler-lhe o pensamento, uma outra vez. Disse-lhe:

– Tudo o que vais ver aqui vai causar-te ainda mais espanto a cada passo que dês. Sugiro-te que encares este como o teu primeiro problema, a resolver à moda do Riso.

– À moda de quem?

– Riso. O Riso é onde estás. É o nome desta cidade.

Não pôde deixar de achar que fazia realmente muito sentido e, ao mesmo tempo, era tão evidente que deu uma pequena risada. Estava em casa. Sentia-se em casa.

O outro continuou:

– Como tudo o que vais saber te vai causar dúvida e perplexidade, vais ficar recheado de perguntas. E, a cada nova informação, vão surgir-te outras. Isto faz parte do processo de aprender. Deixa que todas as novas interrogações sejam satisfeitas ao longo do caminho. Esta é a moda do Riso, é este entender do que é aprender sem ansiedade, ou nervosismo, ou preocupação. As coisas vão chegar a ti. E nenhuma questão, que acredites imperativa e urgente colocar agora, o vai continuar a ser daqui a vinte minutos. Não há urgência que dure sempre. Percebes agora?

Achou que sim. Fazia realmente sentido. Com esta revelação, de paz tranquila, a envolver-lhe os pensamentos, recostou-se na cadeira de palha e deu o primeiro golo no seu café gelado. Soube-lhe como um passeio nas nuvens. Parecia que aquele café, com aquela agradável cor creme e escura, disseminava pelos músculos a energia e a força da terra, ao mesmo tempo que tinha um cheiro de encher pulmões e um sabor que nunca antes tinha experimentado. Satisfeito, soltou um suspiro e olhando o estrangeiro que lhe sorria do outro lado da mesa, disse:

– Vi, no jornal da aldeia velha, que tinhas desaparecido há mais de três meses. Tens estado sempre aqui?

– Pois claro. Não há melhor sítio para se estar sempre. Esta cidade é o que eu procurei toda a vida.

Como o estrangeiro aparentava ser mais ou menos da sua idade, nunca mais de trinta anos, ele acreditou que havia ali algo de mentira ou hipérbole. Perguntou-lhe:

– O que descobriste já, sobre esta gente e este modo de ver o mundo, que os faça assim tão diferente de nós e que os faça dignos da lenda que os diz habitantes do melhor dos mundos?

Esta questão era, realmente, a mais importante e o estrangeiro lembrou-se como tinha percorrido todo o tempo que ali estava, a infiltrar-se nas vidas e nos sistemas da cidade sempre de forma bem vinda e divertida.

Descobriu, nessa altura, que tinha chegado a sua vez de dar as boas vindas a este jovem que, como ele, tinha vindo em busca de um sonho que encontrou.

O estrangeiro fechou os olhos e reclinou-se na sua cadeira de palha, começando a falar numa voz grave e apelativa. Com um sorriso nos lábios, contou como tudo se tinha passado de maneira simples e progressiva, sem que os grandes poderes se dessem conta das investidas do Movimento Riso (Movimento Revolucionário para o Implementar da Satisfação Oficial). Os membros do Riso começaram

por colaborar com hospitais, sobretudo os pediátricos, e escolas. Desta forma, não só afastavam a atenção dos seus propósitos de domínio, como começavam a estabelecer os laços com aqueles que viriam a ser os donos do mundo, as crianças. Aos poucos, foram lançando panfletos informativos sobre o poder terapêutico do riso, a sua função apaziguadora, a sensação de paz que ele transmite e até sobre o poder transformador da gargalhada. Estes pequenos passos foram sendo dados até se instalar a terapia do riso, cujos resultados foram aceites pela comunidade científica internacional. Foi nesta altura que se deu um dos passos mais importantes para o movimento. Daí até que os comediantes comessem a ser tão respeitados e conceituados quanto os cientistas no início do século XX, ou os modelos e actores no início do século XXI, foi um pulo. Os governantes começaram a recorrer ao riso, que tanto agradava às populações, para terem efeitos mais positivos e imediatos na época das eleições. Os anunciantes perceberam que a mensagem que queriam passar funcionava melhor se fosse construída em torno de uma piada, ou envolvendo algum humor. Aos poucos, com os chorudos ordenados que pagavam aos seus construtores de humor, governantes e comerciantes, começaram a depender, num nível muito elevado, de um grupo relativamente pequeno de comediantes. Esses tornaram-se muito ricos, tanto que começaram o novo sistema de câmbio que ainda hoje vigora. Neste sistema, tanto se pode pagar com dinheiro, como com anedotas ou ditos engraçados. O humor é moeda. E isto permite que ninguém passe privações, desde que consiga produzir riso. O que nunca é difícil. Toda a criatividade é premiada, desde muito cedo as crianças aprendem que já não lhes vale de muito responder sempre que $7+3$ é igual a 10 mas que podem ser recompensadas se responderem qualquer coisa como “Amarelo Alasca” desde que o justifiquem. “Amarelo é um, porque é a primeira cor em que pensei. E Alasca não é nada, porque é branco, longe e frio. É um zero. Um com zero é dez.” Assim se conseguem vinte valores na disciplina de “Despropósitos Matemáticos”.

As capacidades de relacionar os vários sentidos humanos é ainda mais premiada e, aqueles que conseguem sentir sinestésias, enveredam normalmente pela carreira de professor. Alguns dos artistas também se pautam por esta característica, mas são mais os criadores artísticos que têm por base o recurso ao absurdo. O absurdo tornou-se imagem de uma certa classe, mais erudita, e na qual se forma cerca de metade dos membros do governo. A outra metade da assembleia é chamada de ala corrosiva ou ácida, um tipo de humor também reservado às classes mais poderosas. A mediação dos dois pólos é gerida por um só homem, o comediante, e este é eleito na praça central da cidade através do som das gargalhadas e palmas dos votantes. O escolhido tem, depois, a possibilidade de apresentar todos os problemas e as suas soluções com recurso a hipóteses hilariantes, que também são submetidas a votação sonora. Se há excesso de pessoas internadas no hospital ele pode sugerir que se feche o hospital, ou que se espalhem as pessoas internadas pelas casas da cidade, ou que se curem rápido ou que se faça voluntariado. E como nada aqui é definitivo nem urgente, faz-se tudo e a coisa vai. Algumas pessoas vão ser albergadas em casas particulares, os médicos e os voluntários trabalham para arranjar soluções que retirem as pessoas do hospital mais rapidamente e curam-nas e, por último, chegam mesmo a fechar o hospital a novos internamentos, se estes puderem permanecer em casas particulares onde os voluntários os vão ver.

A grande função dos dois grupos, absurdos e corrosivos, é arranjar estas hipóteses de trabalho para os problemas do quotidiano. A cidade chegou à conclusão que estes tipos de humor são os mais construtivos e aposta nas soluções que eles apresentam.

Advogados, médicos, polícias e enfermeiros têm por base estas hipóteses da assembleia do humor, mas, para alguma autonomia de decisão, aplicam-lhe a variante negro, que também ajuda a satisfazer as necessidades profissionais. Contam-se histórias de um médico que conheceu a fama ao registar a sua própria doença. Um dia descobriu que sofria de alto-hipocondríase, sendo o principal sintoma uma insistência em reconhecer nos seus pacientes doenças que nem existiam, incluindo angústias capilares. Fala-se ainda do doente que se queixava de nada, que não se sentia normal por não ter doença absolutamente nenhuma, nem sequer umas borbulhas na cara ou uma unha encravada. Mais tarde, deambulando no meio da sua angústia de salubridade, o homem descobriu que era masoquista e, feliz, foi procurar curar-se. Outro homem ainda, insistia que tinha um credo na boca, mesmo preso entre os molares, o doutor é que não o via.

Noutro ramo de negócio, havia ainda a história de um advogado que, ao ir defender um acusado de homicídio fora da cidade, tentou safar-se recorrendo ao humor absurdo-sádico, muito apreciado nos tribunais de Riso. Usou a cara mais solene que conseguiu e, sem se desmanchar, gritou com assombro que o seu cliente tinha suicidado a criminoso vítima num acesso de raiva pré-paga. Nenhuma reacção. Afirmou ainda que ele era um mãos largas enquanto o obrigava a erguer o braço e expor a mão em pleno ar. Nada. Declarou que o seu cliente não tinha as costas quentes e nesta altura obrigou o desgraçado do homem a percorrer, despido de camisa, toda a sala de audiências, após o que ainda conseguiu forçar o juiz a meter-lhe a mão no ombro. Para isto teve que levar a cabo uma birra de bater com o pé e morder a língua e acabou por ameaçar sustar a respiração até ao roxo. O juiz lá acedeu e ficou registado em acta

que o acusado não tinha, na verdade, as costas quentes. Mas reacções de aplauso, a que estava habituado, nada. Por último, viu-se forçado a levantar a voz e a passar um bisturi na testa do pobre arguido que começou a sangrar, provando assim, e sem sombra de dúvida, que ele não era nenhum testa de ferro. A argumentação não colheu, consideraram que o advogado tinha metido os pés pelas mãos, coisa que ele facilmente provou ser errada ao desenvolver uma arriscada performance acrobática, mas acabou mesmo por ser afastado das suas diligências com o escárnio de toda a mesa de magistrados. Foram precisos alguns episódios destes para que se fossem desfazendo, cada vez mais, os laços entre Riso e o mundo exterior. Simplesmente não se compreendiam.

Depois há o lado das profissões menos letradas, ladrilhadores ou pasteleiros, há de tudo na cidade, como há lá fora. Uma vez que não há diferenças económicas, a distinção das classes é encontrada nos jeitos de rir, no estilo e na produção de chacota. No meio da população comum impera o sentido de humor que ainda implica tropeções, muitas asneiras e bigornas em queda livre, é o traço brejeiro e simplista que se mantém dos primeiros tempos de escola onde o humor era imediato. São, normalmente, as classes dos trabalhadores, quem constrói os ditos mais ordinários e as ofensas da modalidade Chacota e Gozo Alarve. Estas modalidades são usadas em sessões de riso públicas, que acontecem na praça ou em ruas largas, e que nascem espontâneas, sem ser preciso mais que um Ah para soltar o chorrilho. Estes estilos não muito apreciados pela classe letrada, que prefere a destruição humorística de ideias com recurso a sarcasmo e ironias sagazes.

Quando há descontrolo de gargalhadas, o que ocasionalmente acontece nos eventos de Chacota e Gozo Alarve, a polícia é chamada a intervir. Todos aqueles que não conseguem responder com ditos espirituosos, durante o interrogatório, são levados para as câmaras de riso. Isto acontece porque não se pode correr o risco de ter cidadãos intimidados pela polícia ou a transpirar horrores durante um interrogatório. Nestas câmaras, os habitantes soltam toda a energia em excesso, saindo de lá com sorrisos calmos no rosto. De resto, os crimes são raros, e passam sobretudo pelo controlo dos anti-sociais, facilmente detectáveis pelo aspecto sisudo. Provocar o desconforto da seriedade nos habitantes é considerado muito grave e aqueles que o fazem são levados para autênticas salas de tortura de cócegas, onde estas chegam a acontecer com recurso a maquinaria elaborada. As sessões não podem durar mais de quinze minutos, dada a violência das gargalhadas. Todos os movimentos convulsivos, que o riso-de-gargalhada provoca no corpo, são analisados por especialistas, que concluem sobre a possibilidade de cura. Quando não há, o culpado é vítima do pior tratamento, torna-se motivo de gozo, não perdendo assim a sua utilidade pública, e sendo social e moralmente castigado.

Houve muito poucos casos de gente que tenha acabado por ser expulsa. Mas já aconteceu. Desde que aqui estou aconteceu uma vez, um estrangeiro também, foi deixado no espaço de uma casa em ruínas que tinha um portão vermelho. Dizem que, agora, nunca mais vai poder rir nem conseguir voltar. Dizem que quando se é obrigado a sair daqui tudo magoa e, mais ainda, porque nunca esqueçamos o bom deste lugar. Dizem que todo o expulso tem vontade de voltar ou, pelo menos, ter notícias. Mas, aqui dentro não há interesses escondidos, até os sorrisos amarelos são treinados, como forma de fazer rir, e não existem com outro propósito. Ninguém apresenta um sorriso amarelo por se sentir com pouca vontade de rir. Nesses casos, muitíssimo raros, a pessoa é levada para uma sessão de terapia.

Descobriu também que os palhaços, como os entendemos, não tinham lugar ali. Viviam uns poucos nos confins da cidade e eram companhia apenas para jovens rebeldes, sem outra ocupação que não provocar e gozar os mais velhos. Era comum voltarem depois, arrependidos, e a terem perfeita noção do vazio que há em pontapés nas flores ou tombos sobre narizes vermelhos. Os animais viviam por toda a parte, soltos, nas suas comunidades e nunca eram utilizados. Não serviam para comer, nem para vestir, nem para calçar. Alguns vinham, de tão habituados à presença humana de outros tempos, pedir umas festas no lombo. Uma vaca ou um gato. Mas pouco depois estavam de regresso aos seus. Apesar de não muito unidos, os dois mundos chegavam-se quando uns ou outros, queriam conviver e os habitantes da aldeia sabiam que poucas coisas faziam o riso crescer doce na barriga como ver um cachorro perseguir a própria cauda ou o cambalear das cabeças dos pombos quando andam. Como todas as espécies estavam soltas e livres, não havia crescimento descontrolado, os *habitats* estavam perfeitos. Mesmo para os animais que haviam sido chamados domésticos, num tempo passado. Nas escolas, as crianças começam por ter risoterapia a partir dos cinco anos de idade, toda a educação é gratuita e aí aprendem as linguagens do homem. Todas as linguagens. Porque, aqui, comunicar é o mais importante. Aprendem matemática e música e letras e humor. Nada é tão sério que não possa ser risível. Tudo é convertido na grande língua universal do riso. Até a morte, que aqui, como todos os outros problemas, termina no momento em que se sabe que existe. Morrer é chegar ao fim do ciclo, é fechar a existência e tudo o que foi nela é tratado em poemas cheios de humor pelos melhores comediantes. As famílias guardam esses poemas e é a eles que visitam quando sentem saudades. É àquele retrato escrito, e não a um bocado de terra comum, sem propriedade, que regressam.

A sociedade literária da cidade promove concursos de gargalhadas e há ainda um compêndio de frases humorísticas e respostas prontas, que é editado todos os semestres com as novidades que foram criadas. Ele e o estrangeiro decidiram que o melhor seria mesmo levá-lo a ver a cidade e os habitantes, ficaria assim mais fácil compreender todo aquele mundo novo. Levantaram-se e dirigiram-se ao balcão para pagar, o estrangeiro começou a tirar umas moedas do bolso, mas ele segurou-lhe o braço e disse: – Deixa. Fica por minha conta – e, olhando para o homem atrás do balcão, exclamou com ar sério: – São dois de ida e volta para Estocolmo e tenho um botão-de-punho avariado a declarar.– Riram-se todos. A conta estava paga.

Ele soube que nada é imune à boa disposição. E como se diz que o riso é contagiante, como os bocejos, ninguém consegue ficar muito tempo debruçado sobre si mesmo se houver piadas a fazer. Nessa altura ele compreendeu, todos os risos eram ali entendidos como forma de expiação e eram positivos, mesmo que fossem risos de desespero ou, como aquele que ele tinha solto, de auto comiseração. E lembrou-se de que, quando deu por si no terreno vazio do interior daquela casa em ruína, se tinha rido com a figura de parvo que julgou estar a fazer. Foi depois desse riso que o mundo à sua volta se transformara. Fora esse riso triste mas aliviado de quem diz “que estupidez”, que abriu as portas para a entrada naquilo a que alguns podiam chamar de universo futuro paralelo ou nova dimensão. Mas, depois daquilo que ia descobrindo sobre a cidade, ele começava a acreditar que vivia mesmo, naquele momento, uma espécie de futuro. Porque notava que algumas das coisas, descritas como fazendo parte do início da expansão do movimento RISO, estavam mesmo a acontecer no seu mundo. A melhor ameaça de sempre, pensou.

E sorriu.